

FRAGILIDADE

GOP

DUILIO GOMES

2º ano da Faculdade de Direito da UFMG.

De repente a falta de luz mergulhou o elevador num escuro pesado. Doía tanta noite em sua volta. Tentando apertar botões êle se dissolvia, o grito parado no peito como o elevador. Sua tumba e seu silêncio plantados no quadrado como uma semente ou náusea germinando. O pulsar do coração vinha cristalizado, vinha frio, um pulsar nervoso como as asas de uma ave que se visse súbitamente cega em pleno vôo. De sua frente saía alguma coisa pegajosa, suor talvez. Apertou a pasta de encontro ao peito. No escuro os ponteiros de seu relógio brilhavam verdes e conscientes: 4,30. Pensou na cidade lá fora, o sol plantado em cima. Pensou na mulher e nos dois filhos. O terror nascia vagaroso porém seguro, descendo do teto. Se gritasse talvez êles ouvissem os seus gritos. Se tivesse paciência e calma poderia esperar a luz voltar. Não quis porém gritar nem esperar. Resolveu de repente que êle próprio teria de violentar aquelas paredes e ganhar a liberdade, ganhá-la a todo custo. Suspenso no vácuo o elevador era apenas uma caixa invisível no negrume, um pensamento não formado. Os gestos lúcidos, começou a tatear o escuro, explorando o invisível. A respiração brotava entrecortada, como se faltasse ar. Não pensou — o ar está aqui em minha volta, eu o sinto, é êste mêdo sêco que me embota os pulmões e os nervos, preciso reagir, violentar as paredes. Como os segmentos de uma febre que subissem e subissem êle se pôs a dar murros nas paredes.

As palavras agora não tinham sentido e êle evitava a tôda fôrça pronunciá-las; economizava a fala como se esperasse com isso conquistar a luz virando-se pelo contrário. Os gestos sim, êsses importavam. A inutilidade seus esforços fêz com que êle soltasse um palavrão pondo-se logo em seguida a bater novamente com os punhos, dessa vez mais fortemente, contra o impassível silêncio do elevador. Respondiam-lhe os ecos de seus próprios murros. Vindo de baixo e cavamente, o chão respondia aos seus murros e enchia o ar de um grave e ao mesmo tempo frágil segundo cheio de tensão. Segundo que se avolumava de encontro a outro e formava a casca de um tempo imenso e parado em sua volta. Agachou-se, colocou os ouvidos no chão. A pasta havia caído e os papéis se espalhavam pelo piso. No escuro êle podia ver os pedaços de papel branco brilhando com intensidade; pegou-os com raiva, rasgou-os. Os ouvidos captavam sons surdos vindo de baixo. Talvez os homens que vinham salvá-lo. Os ouvidos registravam agora novas nuanças de sons, tons variados e indecifráveis molhavam o seu susto vigilante. Pelo ouvido entravam a vida e o calor, o pó que se pregara na epiderme lembrava-lhe a fragilidade do homem e a sua verdadeira composição. Começou a desejar intensamente que os homens não chegassem com suas escadas e cordas. Desejava agora que o elevador ficasse eternamente parado, dissolvido na eternidade êle se esqueceria, o corpo guardando para sempre o invólucro do mêdo. Como um feto, fechou os braços em volta do corpo e dobrou-o em arco, defendia assim a integridade do seu corpo contra o escuro e o pânico. Fechara também os olhos e dentro de seu cérebro as coisas passavam trepadas umas nas outras. Um feixe de côres aparecido com o apêrto das pálpebras girava em volta de um traço horizontal que êle tentou localizar mas que se movia de um lado para outro sem se deter. Tornou a abrir os olhos. Perdera a noção do espaço. Parecia-lhe que tudo em sua volta havia desaparecido e que êle boiava sôzinho na eternidade, a angústia obrigando seus olhos a se avermelhares até às lágrimas. Num sobressalto sentiu que o elevador se movia. E que a luz voltava, bruxuleando.